

A VARIAÇÃO NO USO DAS FORMAS DE TRATAMENTO *TU* E *VM^{CE}* /*VOCÊ* EM MANAUS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

*THE CHANGE IN THE USE OF TREATMENT FORMS VM^{CE} / YOU IN MANAUS IN
THE SECOND HALF OF THE NIETEENTH CENTURY*

Aline Ferreira Lira
Doutoranda em Lingüística- UFSC/ UFAM

Lourdes de Fátima Moraes de Souza
Doutoranda em Lingüística- UFSC/ UFAM

Nelson Fontoura de Melo
Doutorando em Lingüística- UFSC/ UFAM

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo apresentar a variação de *tu* e *Vm^{ce}* /*você* em cartas comerciais da empresa J.G. Araújo, em Manaus, na segunda metade do século XIX. Utilizando como base teórica a sociolinguística variacionista laboviana, a pesquisa foi realizada a partir de análise documental abrangendo um período de quatorze anos, de 1879 a 1893. O trabalho, embora preliminar, apresenta resultados significativos com relação à alternância de *tu* e *Vm^{ce}* /*você*. A análise das cartas permitiu observar a importância do acervo da empresa J.G. Araújo, pertencente à Universidade Federal do Amazonas, para a pesquisa em sociolinguística, particularmente a variacionista, e aponta para a necessidade de estudos sincrônicos e diacrônicos para que se tenha um panorama da variação tanto em tempo aparente quanto em tempo real na cidade de Manaus.

Palavras-Chave

Sociolinguística. Variação. Tu. Você. Manaus.

Abstract

This paper aims to present the change in *Vm^{ce}* / *you* in business letters from JG Araújo, Manaus, in the second half of the nineteenth century. Using as theoretical basis Labov's variant sociolinguistics, the survey was conducted from documentary analysis covering a period of fourteen years, from 1879 to 1893. The work, although preliminary, provides significant results with respect to the alternation of *Vm^{ce}* / *you*. The analysis of the letters allowed observing the importance of JG Araujo collection, belonging to Universidade Federal do Amazonas, for research in variant sociolinguistics, and points to the need for synchronic and diachronic studies in order to have an overview of the variation both in apparent time and in real time in the city of Manaus.

Keywords

Sociolinguistics. Variation. *Vm^{ce}* . You. Manaus.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre as variações pronominais no Português Brasileiro têm cada vez mais merecido destaque. Trabalhos acadêmicos sobre a descrição da variação pronominal de

segunda pessoa – *tu* e *você* – levam a perceber a complexidade em se tratar do assunto, ainda que possa parecer relativamente simples.

Para Faraco (2005), a história das línguas não é uma história biológica, mas um processo de diferenciação complexo que está correlacionado com a própria história social e cultural das sociedades humanas. Assim, como as sociedades se transformam, as línguas também mudam com o passar dos tempos e variação e mudança são constitutivas desse processo. Por essa razão, partiu-se da perspectiva sócio-histórica para a elaboração deste trabalho.

Uma vez que a forma de tratamento *você* se pronominalizou e surge em uso paralelo com o pronome pessoal *tu*, neste trabalho procura-se investigar, a partir de dados diacrônicos do português de Manaus, em especial na variação encontrada em cartas comerciais do século XIX, se na época em foco já havia o uso alternado entre as duas variantes.

A base teórica do trabalho é a sociolinguística variacionista laboviana, que explica a mudança linguística pelo envolvimento de três características distintas: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística. A origem da variação se daria em uma ou mais palavras de um ou mais indivíduos, e, posteriormente, quando recorrentes, poderiam ser imitadas a ponto de se difundir e entrar em concorrência com formas mais antigas. Se, por fim, uma das formas se sobressair à outra, o processo de mudança estará estabelecido (LABOV, 2008).

A metodologia variacionista é utilizada para descrever a variação e a mudança linguística, objetivando analisar de que forma se processa a escolha entre uma ou outra variante, ou seja, verificar em que contextos e em que medida se dá a alternância entre as diferentes formas em variação (LOREGIAN-PENKAL, 2004).

Nessa direção, procura-se estabelecer, na primeira parte do trabalho, um breve histórico sobre a formação social de Manaus, a fim de contextualizar a sociedade manauara dentro do período definido para a pesquisa. No segundo momento, é apresentada a empresa J. G. Araújo, cuja correspondência foi analisada entre os anos de 1879 a 1893, cobrindo um período de 14 anos¹.

Logo após, é realizada a análise dos dados coletados, por meio dos quais constatou-se que, à época pesquisada, não estava em uso corrente a forma *você*. O termo prevalente era Vossa Mercê, cuja realização se dava pela forma abreviada *Vm^{ce}*, com algumas variações na grafia, previstas por Flechor (1991).

Embora se entenda a sociolinguística como uma disciplina que se baseia principalmente nos atos de fala, aqui se considerou dados escritos para esta pesquisa que busca a compreensão histórica da variação na língua, em especial a variação *tu-você* na cidade de Manaus.

¹ Todo o acervo documental e iconográfico J. G. Araújo é de responsabilidade do Museu Amazônico da Universidade Federal do Amazonas. A escolha dos anos para a coleta deu-se em função de o Museu Amazônico já ter catalogado e higienizado os referidos documentos.

A técnica de coleta de dados foi o exame documental que “compreende a identificação, verificação e apreciação de documentos para determinado fim” (MOREIRA, 2005, p. 271). Considerando que os dados foram obtidos a partir da leitura de cartas comerciais, o material utilizado foi primário, ou seja, o documento autêntico (ECO, 2001).

A análise documental, muito mais que localizar, identificar, organizar e avaliar textos, som e imagem, funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações, momentos. Consegue dessa maneira introduzir novas perspectivas em outros ambientes, sem deixar de respeitar a substância original dos documentos. (MOREIRA, 2005, p. 276).

A coleta de dados foi realizada no período de 14 de dezembro de 2009 a 10 de fevereiro de 2010, a partir da consulta a cartas comerciais do século XIX, da empresa J.G. Araújo, conforme já mencionado. Foram examinadas 3.487 cartas dentre as quais apenas 125 (3,6%) apresentaram as formas pronominais em estudo, conforme se observa na Tabela 1.

TABELA 1: Cartas consultadas para coleta de dados.

Ano	Nº. de cartas	Cartas com Vm ^{ce}	%	Cartas com Tu	%
1879 - 1893	3.487	90	2,58%	35	1%

O baixo índice de incidência de *Vm^{ce}* e *Tu* deve-se ao fato de as cartas consultadas, em sua maioria, serem de cunho comercial e terem sido dirigidas à empresa e não a um dos irmãos sócios da empresa.

2 MANAUS: um recorte da formação social

A história de Manaus é um imbróglio longe de ser resolvido (SANTOS, 2007). A fundação da cidade, segundo o autor, na verdade, foi a edificação de um estabelecimento militar chamado São José da Barra do Rio Negro, em 1669, sem dia ou mês precisados nos documentos disponíveis. Por conta do que o autor chama de “tradição inventada” [grifo do autor], o ano de 1669 foi considerado como o da fundação da cidade. Já o dia e o mês, 24 de outubro, foram emprestados do ano de 1848, quando a Assembleia Provincial Paraense, por meio de decreto lei, elevou Manaus à categoria de cidade com a denominação de Nossa Senhora da Conceição da Barra do Rio Negro. Somente em agosto de 1856 a cidade foi definitivamente chamada de Manaus.

Na realidade inventaram um dia de feriado ao arrepio da História, quase característico daquilo que o historiador inglês Eric Hobsbawm definiu como “tradição inventada”, que seriam as práticas, muitas vezes tácitas, que visam a inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição. Neste caso, o subentendimento cedeu ao escancaramento. Virou lei. (SANTOS, 2007, p. 162).

Vale destacar que desde a sua criação a Amazônia era diretamente vinculada à Lisboa, e, quanto aos seus assuntos coloniais, desenvolveu-se apartadamente do Brasil (LOUREIRO, 1989). Foi apenas com a vinda da família real para o Rio de Janeiro que

“a região ficou subordinada ao sul do país, por frouxos laços, face às dificuldades de comunicação e à situação instável do império colonial”. (LOUREIRO, 1989, p. 13).

A relação com a coroa portuguesa foi mantida mesmo após os acontecimentos da independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822, e as capitâncias do Norte “optaram pela continuidade de suas ligações com a Metrópole, negando acatamento às decisões tomadas, no sul, e a adesão à Independência”. (LOUREIRO, 1990, p.14). Somente em agosto de 1825 é que a Província do Grão Pará foi anexada ao Brasil.

De acordo com o Araújo (1974), não é possível calcular os coeficientes de grupos étnicos que compuseram a miscigenação da sociedade manauara. Entretanto, alguns grupos são mais representativos para a formação desta sociedade, particularmente a partir do século XIX, quando a economia local, impulsionada pelo que Santos (2007) chama de Civilização da Borracha, começa a receber migrantes cearenses e portugueses, em maior número, e também de espanhóis, alemães, italianos, judeus sefarditas e sírio-libaneses. Os portugueses que migraram para Manaus eram, em sua maioria, de origem açoriana e, em menor número, procedentes de Douro, Minho, Alentejo e Algarves. (ARAÚJO, 1974).

De acordo com Loureiro (1989), o plano de imigração e colonização da Província que previa a contratação de famílias com direito a um ano de alimentação, casas e terras, possibilitou o recebimento de aproximadamente 827 emigrantes cearenses entre 1877 e 1878. No ano seguinte, apenas em Manaus, chegaram mais 870 cearenses. Esse plano, além das verbas públicas, também contava com o investimento do comércio local. E os cearenses não alteraram apenas o quadro populacional da região:

Eles tornaram a língua portuguesa o instrumento de comunicação mais largamente utilizado. Pela primeira vez, a língua portuguesa ganhava destaque oral ante o Nheengatu (língua geral) e outras línguas indígenas. [Eles fundiram] hábitos alimentares, técnicas de trabalho, modos de falar, valores religiosos, artesanato etc. (SANTOS, 2007, p.185).

Com o movimento migratório, principalmente de nordestinos no Ciclo da Borracha, a população da Província² cresceu 350% de 1856 a 1890, chegando a 147.915 habitantes neste ano. O mesmo ocorreu em Manaus, que era um simples vilarejo de 10.000 habitantes, por volta de 1883, e talvez ultrapassando 20.000 habitantes em 1889, chegando a 38.720 residentes em 1890, representando um crescimento de mais de 300%. (ARAÚJO, 2003).

A presença africana na região foi estimulada pela Coroa Portuguesa, desde o século XVIII. Entretanto, apesar de representar um dos mais antigos movimentos migratórios (SANTOS, 2007), a presença de escravos de origem africana sempre foi reduzida. Os cerca de 14 mil negros que compunham os habitantes da Amazônia provinham de Cabo Verde e Angola, e poucos eram escravos (ARAÚJO, 1974). “Os dados populacionais da Capitania do Rio Negro, disponíveis para o final do século XVIII, registram a presença de 326 escravos, 1.150 pessoas livres e 10.247 índios aldeados” (SANTOS, 2007, P.190). Já no século XIX, há um aumento do número de escravos (979 em 1872),

² Província do Rio Negro, correspondente ao Estado do Amazonas.

embora ainda em número reduzido se comparado ao número de pessoas livres (56.361). É importante destacar, entretanto, que o número de escravos não corresponde, necessariamente, ao número de negros presentes na sociedade daquela época, uma vez que Loureiro (1990) registra africanos livres trabalhando no comércio local e em repartições públicas no século XIX em Manaus.

A Amazônia sempre estivera diretamente vinculada a Lisboa, quanto aos seus assuntos coloniais, desenvolvendo-se apartadamente do resto do Brasil. [...] Com a ocupação de Portugal pelos franceses, a transmigração da família real para o Rio de Janeiro e a criação do Reino Unido, pela primeira vez, a região ficou subordinada ao sul do país, por frouxos laços, face às dificuldades de comunicação e à situação instável do império colonial. (LOUREIRO, 1989, p. 13).

3 J.G. ARAÚJO: um dos mais importantes estabelecimentos comerciais da Região

A empresa J.G. Araújo foi criada 1865, por José Gonçalves de Araújo, com uma panificadora (MUSEU AMAZÔNICO, 2008). Com a chegada de seu irmão Joaquim Gonçalves de Araújo, é criada, em 1887, a empresa Araújo Rosas e Irmão, que vai mudando de nome até 1925³.

Durante o período das cartas consultadas para este trabalho (1879 a 1893), a empresa importava e comercializava produtos como tecidos diversos, sal, batata, carvão, botas, capas, azeite, manteiga, vinhos, material de construção, instrumentos de pesca, armas e munições, queijos, vinhos do porto, chouriço, chá verde, lagosta, figo, passas etc. e os comercializava tanto na cidade de Manaus como para os seringueiros (ALVES, 1993). Destes adquiria, além da borracha, também castanha, piaçava, pirarucu, madeira e banha de tartaruga e os exportava para os diversos estados do Brasil e para alguns países como Portugal e Espanha.

A empresa J.G. Araújo, portanto, soube utilizar a economia de subsistência para o seu crescimento, já que as atividades agrícolas e industriais eram modestas na região. O extrativismo era a atividade mais lucrativa, particularmente de seringa, castanha, breu, juta, óleos etc.

O advento da navegação a vapor acelerou ainda mais esse processo econômico rumo ao extrativismo, ao oferecer transporte rápido, barato e abundante aos produtos florestais, favorecendo o seu escoamento para Belém, e, consequentemente, propiciando a exportação desses produtos, transformando a Amazônia em produtora de um tipo de matéria prima de grande procura internacional: a borracha, que, em pouco tempo, predominaria monoliticamente na nossa vida econômica, facilitando, com as divisas por ela geradas, a importação de alimentos e manufaturados. (LOUREIRO, 1989, p.188).

Em 1989 a empresa encerrou suas atividades e a família Araújo doou para o Museu Amazônico, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), um acervo, incluindo

³ De 1877 a 1896, a empresa chamou-se Araújo Rosas e Irmão; de 1892 a 1904, Araújo Rosas e Cia.; de 1904 a 1925, J.G. Araújo; e de 1925 a 1989, JG. Araújo e Cia. Ltda. (MUSEU AMAZÔNICO, 2008).

iconográfico, constituído de uma massa documental de aproximadamente 30 toneladas, entre correspondências manuscritas, letras de câmbio, fotografias, recibos diversos, diários de navegação, contratos de trabalho e diversos documentos fiscais e contábeis (MUSEU AMAZÔNICO, 2008).

4 TU E VOCÊ NA ESCRITA COMERCIAL MANAUARA DO SÉCULO XIX: análise dos dados

Para melhor compreensão sobre a função discursiva do objeto de estudo, antes de iniciar a análise dos dados do período do século XIX sobre os usos do pronome *tu* e formas pronominais correlacionadas (*te, ti, teu*), e do pronome de tratamento *você* e formas correlacionadas (*lhe, seu*), colhidos nas cartas comerciais trocadas entre a firma J.G. Araújo e clientes, é oportuno levar-se em consideração uma abordagem sobre a gramaticalização e pronominalização do Vossa Mercê/Você.

A gramaticalização de *Vm^{ce}* não aconteceu de forma isolada, mas como afirma Lopes e Duarte (2003), como “consequência de uma mudança encaixada linguística e socialmente” (p.3). Segundo Coelho (2004) Vossa Mercê é a forma mais antiga registrada no português, em meados do século XIV, como forma de tratamento ao rei, se estendendo aos membros da aristocracia e passando, em seguida, a ser usado por pessoas comuns ao se dirigirem à aristocracia. “Numa etapa final de decréscimo de formalidade, vamos encontrar Vossa Mercê e Vossa Senhoria sendo utilizados como diferentes variantes sociais em oposição a *tu*, que era de uso comum no tratamento íntimo” (LOPES; DUARTE, 2003, p.5).

4.1 Apresentação dos dados

Os dados levantados abrangem um período de nove anos, entre décadas diferentes do século XIX, para a pesquisa do número de ocorrências do uso de *tu* e *você* e formas pronominais correlacionadas. São abordados o contexto e alternâncias de uso e apresentados exemplos do fato linguístico gerador da ocorrência. Observa-se, na Tabela 2, abaixo, a predominância de *Vm^{ce}* como forma preferida à época pesquisada.

TABELA 2: Frequência de uso das formas *tu* e *Vm^{ce}* / *você* (preenchidas e nulas).

	Sujeito Preenchido	Sujeito Nulo
Tu	4	68
Vm^{ce}	131	30
Você	4	0

4.1.1 Análise das ocorrências de *tu* e formas pronominais correlacionadas

A análise do pronome pessoal da segunda pessoa do singular registra apenas quatro ocorrências do pronome *tu*, como sujeito preenchido. Essa forma pronominal ocorre nos anos de 1886 (duas vezes), 1888 (uma vez) e 1889 (uma vez). Nos demais anos, não há registro de ocorrências, entre as 3.487 cartas pesquisadas. Dos registros coletados, podem-se observar dois exemplos:

- (1) *Desejarei que tu gozes mais saúde do que eu....*
- (2) *...te remeto para tua sciencia estas mercadorias a farinha tem 6 meses de prazo e as fazendas e miudezas um ano porem tu nada dis.*

TABELA 3: Ocorrências de *tu* (preenchido e nulo) e formas correlacionadas

Ano	Tu			
	Sujeito Preenchido	Sujeito Nulo	Formas possessivas Correlacionadas	Formas objetivas Correlacionadas
1879	0	4	4	3
1881	0	26	15	18
1886	2	16	16	37
1887	0	5	1	8
1888	1	8	4	7
1889	1	7	10	13
1890	0	2	1	0
1891	0	0	0	0
1893	0	0	0	0
Total	4	68	51	86

É a raridade de tal ocorrência que a torna digna de registro porque, além de contrastar com a supremacia da ocorrência do sujeito nulo, essa escolha pode ser uma evidência da preferência pelos paradigmas flexionais em detrimento do uso do sujeito pronominal preenchido.

Assim, pode-se presumir que a escolha pelo uso do sujeito preenchido (*tu*), embora desnecessário porque a flexão verbal canônica (*gozes*) já marca o sujeito da sentença, tem como objetivo a expressividade enfática porque essa ocorrência é precedida do seguinte texto:

- (3) *Cumpre-me dizer-te que me acho bastante mal de saúde.*

Na análise de *tu* como sujeito vazio, foram registradas 68 ocorrências. O ano de 1881 foi o que apresentou o maior número, com um total de 26 registros. Em 1879, foram 4 vezes; 1886, 16 vezes; 1887, cinco vezes; 1888, oito vezes; 1889, sete vezes e 1990, duas vezes. Nos anos 1891 e 1893 não houve indicação de uso do pronome *tu*.

A prerrogativa da dispensa do uso explícito do sujeito, que é dada aos verbos canonicamente flexionados na segunda pessoa do singular, pode ser demonstrada através da ocorrência do sujeito vazio, tais como em um trecho de uma carta datada de 03/01/1888:

- (4) “*Estimo que com teus manos gozes saude...*”.

E, em outro trecho mais adiante, na mesma carta:

(5) *Recebi 2 caixas de figos o que muito ti agradesso [...] ti pesso que fassas o que poderes a bem di meus emtreces. (sic).*

É interessante notar que, para caracterizar a lacuna do sujeito vazio, a presença do uso canônico da flexão verbal na segunda pessoa do singular parece ser uma preocupação do locutor. O uso do pronome *tu*, como sujeito vazio (vinte e seis vezes), nos textos do ano de 1881, como referências à segunda pessoa do singular, revela o grau de intimidade que existia entre os interlocutores, o que vem confirmar as palavras de Modesto (2006, p. 27): “a forma *tu* desde sempre foi usada nas relações simétricas entre iguais lingüísticos em situações informais.”

O uso das formas possessivas referenciais de segunda pessoa do singular *teu, tua, teus, tuas* apresenta cinquenta e uma ocorrências; as formas objetivas *te/ti*, oitenta e seis. Todos os textos pesquisados, em que as formas estão em uso, também revelam as relações simétricas e recíprocas na dimensão de solidariedade, no tratamento de igual para igual, entre os falantes (irmão/irmão, amigo/amigo), conforme Modesto (2006), como mostram os trechos a seguir (exemplos (6), (7) e (8)), em cartas datadas de 14/01/1888, de 25/01/1888 e de 3/06/1886, respectivamente:

- (6) *Recebi o teu cartão que agradeço e de seu conteúdo fico certo.,. Cumpre-me dizer-te que me acho bastante mal de saúde...*
- (7) *Amigo Joaquim, a tua saúde a favor do bom negócio é o que d'coração te desejo...*
- (8)... *peço-te que não deixes de mandar ... , Espero que gozes de saúde bem assim todos de tua casa.... .*

É importante considerar que, conforme os exemplos acima, nos casos de ocorrência de *tu* (preenchido ou nulo), apresentados na tabela 3, não houve alternância entre o sujeito e suas formas correlacionadas. Já nas ocorrências de *Vm^{ce} / você* foram verificadas alternâncias, conforme poderá ser observado mais adiante.

4.1.2 Análise das ocorrências de *Vm^{ce}* e *você* e formas pronominais correlacionadas

A análise da forma de tratamento *você*, como sujeito preenchido, mostra três ocorrências no ano de 1879, uma em 1887 e nenhuma ocorrência nos demais, no total de cartas analisadas. Uma delas está em uma carta de 10/1/1879:

- (9) *Amº José G. Arº Rosas, Cheguei aqui dia 8 as dez horas da noite; foi uma viagem infadonha. Fiz entrega de suas encomendas ao Sro Passarinho. Voce veja a conta da bolaxa... .*

O caso do uso da forma *você*, como sujeito preenchido, não parece ser uma opção aleatória, pois na primeira ocorrência na forma por extenso, em (10), forma verbal imperativa, por si só, poderia dispensar o uso explícito do sujeito, o que não ocorre por algum motivo especial.

- (10) *Você veja a conta da bolaxa...*

Dentre as quatro ocorrências, três estão na forma que consideramos ser abreviatura de *você*, em razão de surgirem em carta em que a palavra aparece por extenso ou de maneira isolada no trecho:

(11) *Por causa da tesouraria é que deu todo este desastre que v. acabou de presenciar.*

TABELA 4: Ocorrências de Vm^{ce} e você

Ano	Vm^{ce}				Você
	Sujeito Preenchido	Sujeito Vazio	Formas possessivas correlacionadas	Formas objetivas correlacionadas	
1879	3	6	6	10	3
1881	1	5	9	8	0
1886	26	0	28	59	0
1887	37	0	1	13	1
1888	3	0	9	11	0
1889	51	15	1	52	0
1890	10	0	3	12	0
1891	0	2	4	3	0
1893	0	2	4	5	0
Total	131	30	65	173	4

Outro argumento que reforça a hipótese é o fato de que no dicionário de abreviaturas não constam registros de *v.* como abreviatura de Vossa Mercê (FLECHOR, 1991).

Assim, em “*v. entregará*” e “*v. tem recebido*” a opção pelo uso do sujeito preenchido pode ser entendida como uma provável atribuição de tarefa de responsabilidade diretamente incumbida pelo missivista ao destinatário e não a outra pessoa.

A baixa ocorrência da forma de tratamento *você*, como sujeito preenchido (três vezes), pode ser atribuída ao uso mais frequente da forma Vm^{ce} . Isto ocorre uma vez que, por serem os textos objeto de estudo todos extraídos de correspondências comerciais do século XIX, é natural que houvesse, nesses contextos, a marca da reverência ou tratamento ceremonioso expresso pela forma Vossa Mercê (BECHARA, 2004), reduzida mais tarde para *Vmcê*, até chegar a *você*.

Analizando peças teatrais dos séculos XVIII e XIX, brasileiras e portuguesas, Lopes e Duarte (2003) fazem um estudo do percurso da pronominalização de Vossa Mercê a você. Com relação às peças brasileiras, os autores verificam que na primeira metade do século XVIII, as formas ocorrem de maneira equilibrada (Vossa Mercê/33%, tu/29% e vós/25%, tendo a forma você baixa ocorrência: 13%).

Nos demais períodos a ocorrência de *tu* aumenta, apresentando percentagens de 63% na segunda metade do século XVIII, subindo para 90% na primeira metade do século XIX e sofrendo uma queda de 60% na segunda metade do século XIX, mas, ainda assim, mantendo-se numa frequência elevada.

Em relação às demais formas, vemos que Vossa Mercê e vós caem em desuso a partir da segunda metade do século XVII e o uso de você, juntamente com o uso de outras formais nominais (o Senhor, Sua Senhoria, Vossa Excelência, Vossa Senhoria), passa por um aumento na segunda metade do século XIX. Lopes & Duarte afirmam que a forma tu foi usada de forma recíproca entre falantes nas relações simétricas em todos os períodos analisados. (MODESTO, 2006, p.26).

Com relação à utilização de *Vm^{ce}* preenchido, foram observadas cento e trinta e uma ocorrências, como mostrado nos exemplos abaixo:

- (12) *Vm^{ce} verá a relação do pedido...*
- (13) *Encarregado Vm^{ce} a receber a referida carne...*
- (14) *... se Vm^{ce} quiser que eu embarque...*
- (15) *Remeto-lhe a Vm^{ce} conhecimento de 705 killos de borracha para Vm^{ce} vender...*

A evidência de *você* como sujeito vazio se dá apenas uma vez, na mesma carta onde surge explicitamente. No trecho (16), a função de sujeito está implicitamente atribuída a quem o discurso se dirige (o destinatário da mensagem).

- (16) *... estimo que goze saúde....,*

Excluindo-se o uso de *você*, presente em uma única carta, as demais ocorrências de sujeito vazio, neste caso, podem ser atribuídas, por inferência, à forma *Vm^{ce}*, por esta se encontrar pelo menos uma vez preenchida. E, também, em razão da alta incidência desta forma de tratamento na época em análise.

Os dados referentes ao uso de *Vm^{ce}* como sujeito vazio registram trinta ocorrências no período analisado.

- (17) *Compra-me uma bengala e albazapenino que achei muito bonita e que é para presente de um amigo e sua importância leva a meu débito...*
- (18) *Recebi a sua carta que me diz que não está entregue das pílulas que me entregou e que mais tarde...*

O uso das formas possessivas referenciais à segunda pessoa do singular *seu*, *sua*, *seus* e *suas* apresenta sessenta e cinco ocorrências; a forma objetiva *lhe*, cento e setenta e três.

Em apenas uma carta, do ano de 1887, observa-se um trecho onde, conforme já mencionado anteriormente, a forma utilizada pode ser considerada variante possessiva abreviada relacionada a *você*:

- (19) *Recebi as mercadorias e contas de y.*

As demais ocorrências foram relacionadas ao uso de *Vm^{ce}*, dada à baixa incidência do surgimento de *você* no corpus analisado.

Pelos dados estudados, pode-se notar que houve concordância no uso das formas de tratamento na maioria dos casos, pois as formas pronominais possessivas e objetivas correlacionadas pertencem ou ao grupo das formas de tratamento *Vm^{ce}* ou ao grupo do pronome *Tu* e suas respectivas formas correlatas.

Entretanto, em algumas correspondências houve três casos de alternância de uso entre *Vm^{ce}* e as formas relacionadas a *tu*, nos trechos abaixo:

- (20) *Recebi e muito tempo depois, também a tua carta de participação. [...] Por isso peço-lhe para ir a ttesouraria...*
- (21) *...tenha de sua viagem de perfeita saúde...a quem eu pedi para te contar...se a Vmce convier...,*
- (22) *...saúde e felicidade é o que lhe desejo e não te esqueças de fallar sempre ao filho do presidente...*

5 CONCLUSÃO

Este trabalho abordou a variação do pronome *tu* e das formas *Vm^{ce}/você*. Para isso, foi desenvolvido um estudo das formas de tratamento usadas em cartas comerciais do século XIX, da empresa J.G. Araújo. O estudo mostrou que o dado mais recorrente nas correspondências foi a forma de tratamento *Vossa Mercê*, abreviada para *Vm^{ce}* e, muito mais recorrente ainda, na forma pluralizada, *Vm^{ces}*, visto tratar-se de cartas comerciais dirigidas à pessoa jurídica, composta por mais de um sócio.

Assim, considera-se oportuna a análise do contexto de uso de *tu* e *Vm^c/você* e suas formas correlacionadas, ao longo do período pesquisado, para mostrar que o pronome *tu* foi preferencialmente usado em situação de simetria entre iguais linguísticos. É muito comum, nos documentos pesquisados, a solicitação de favores pessoais ou recomendações dessa natureza quando o pronome utilizado é o *tu*, mesmo se tratando de cartas comerciais. Já a forma de tratamento *você*, evolutiva de *Vossa Mercê*, era uma forma de tratamento reverencial usada no estilo formal, no século XIX, nas situações em que não havia relação de simetria entre os interlocutores.

Pode-se concluir, portanto, após a análise dos textos das cartas pesquisadas, que o pronome *tu* e suas formas correlacionadas, conforme Lopes e Duarte (2003, apud MODESTO, 2006, p. 27), “sempre foi usado de forma recíproca entre falantes nas relações simétricas entre iguais linguísticos em situações informais”. Em relação à alternância entre *tu* e *Vm^{ce}/você*, este trabalho, embora preliminar, apresenta resultados significativos.

A partir da análise das cartas comerciais da firma J. G. Araújo, a casa aviadora mais importante de Manaus desde o século XIX até meados do século XX, (MUSEU AMAZÔNICO, 2008), pôde-se observar a importância do acervo para pesquisas sociolinguísticas, principalmente a variacionista. As cartas comerciais, após devidamente catalogadas pelo Museu Amazônico da UFAM, representarão uma importante fonte de pesquisa, já que permitirá perceber variações diversas ocorridas entre 1877 a 1989.

Uma das limitações deste estudo foi a falta de conhecimento dos pesquisadores em Paleografia, já que as cartas manuscritas do século XIX apresentam características de escrita que fizeram com que a leitura dos documentos fosse muito mais lenta e, em certos momentos, precisaram de auxílio dos estagiários de História do Museu. Seria interessante, portanto, que antes de se fazer um estudo diacrônico de cartas manuscritas o pesquisador recorra a um curso de Paleografia, normalmente oferecido como disciplina optativa nos cursos de História, a exemplo do que ocorre na UFAM.

É importante destacar, ainda, que as influências culturais e sociais do grupo estudado (comerciantes no século XIX) são importantes como um recorte histórico da cidade de Manaus. Entretanto, não se pode tomar essa realidade como sendo a que influenciou totalmente a formação da sociedade manauara atual. Isto porque, após a crise do período da borracha, no início do século XX, houve um grande movimento emigratório da cidade, ficando, em Manaus, uma população de número inexpressivo, de acordo com Santos (2007). Apesar das várias tentativas de povoamento e, principalmente, de incentivo econômico, a cidade só foi ter um desenvolvimento expressivo a partir do final da década de 1960, com a criação da Zona Franca de Manaus (ZFM).

Em 1967, ano de criação da ZFM, havia 254 mil habitantes na cidade. Em 1980, esse número pulou para 634.780. Atualmente, a cidade possui 1.738.641 habitantes, segundo o IBGE (2009). Portanto, para se compreender as influências dos grupos étnicos e sociais no falar do Manauara, seria importante que se fizessem mais estudos lingüísticos, tanto sincrônicos quanto diacrônicos, a fim de se ter um panorama tanto da variação em tempo aparente quanto em tempo real.

Seriam necessários, portanto, mais estudos em que se verificassem se as observações de Araújo (2003), realizadas em 1956, ainda são válidas:

Tendo sofrido grande influência do Nheengatu, por força da necessidade que tiveram os primeiros colonizadores lusos de aprenderem o linguajar da indiada, o português, aqui, está extraordinariamente cheio da toponímia da língua geral. Há muitas formas de construção da língua geral nesse português falado. Além disso, os casos de desaparecimento do “r” final nos verbos, substantivos e em quase todas as palavras, têm origem na prosódia indígena. A pronúncia aberta da preposição *de*, em vez de *di*; o nasalamento de certas palavras; o *o* em certas palavras acentuadamente fechadas como em canoa (*canua*), popa (*pupa*) etc., são bem do Nheengatu”. (ARAÚJO, 2003, p.453).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Márcia Eliane dos Santos. História em Microconexões: os intrincados laços comerciais da família Araújo. **Amazônia em Cadernos**. Manaus, v.2, dez. 1993/1994.
- ARAÚJO, André Vidal. **Introdução à Sociologia da Amazônia**. 2. ed. Manaus: Editora Valer /Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

_____. **Sociologia de Manaus:** aspectos de sua aculturação. Manaus: Edições Fundação Cultural do Amazonas, 1974.

BECHARA, Ivanildo. **Moderna Gramática Portuguesa.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

COELHO, Maria do Socorro Vieira. De Vossa Mercê a Cê no Portugês Brasileiro: da gramática ao discurso. **Revista Vertentes.** São João Del Rey, edição 32, UFSJ, jan./jul. 2004, s.p.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese.** 16. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica:** uma introdução ao estudo da história da língua. São Paulo: Parábola, 2005.

FLECHOR, Maria Helena. **Abreviaturas:** manuscritos dos séculos XVI ao XIX. 2. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008.

LOPES, Célia Regina dos Santos; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. De Vossa Mercê a Você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: SILVA, Figueiredo Brandão; Maria Antônia Mota (org.). **Análise Contrastiva de Variedades do Português:** primeiros estudos. I ed. Rio de Janeiro, 2003, v. 1, p.61-76.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. **(Re)análise da referência da segunda pessoa na fala da Região Sul.** Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação da Universidade do Paraná. Curitiba, 2004.

LOUREIRO, Antonio. **O Amazonas na época imperial.** Manaus: T.Loureiro Ltda., 1989.

MODESTO, Ataxerxes Tiago Tácito. **Formas de tratamento no Português brasileiro:** a alternância Tu/Você na Cidade de Santos – SP. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Usp, 2006.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: MUSEU AMAZÔNICO. **Histórico J. G. Araújo.** Manaus, 2008. 5 p.

PITOMBO, Eliana. **Tu e você no português da Bahia no século XIX.** Por uma linguística sócio histórica. (Mimeo), 1998.

SANTOS, Francisco Jorge. **História geral da Amazônia.** Rio de Janeiro: EMVAVMEM, 2007.